

Resumo Semanal

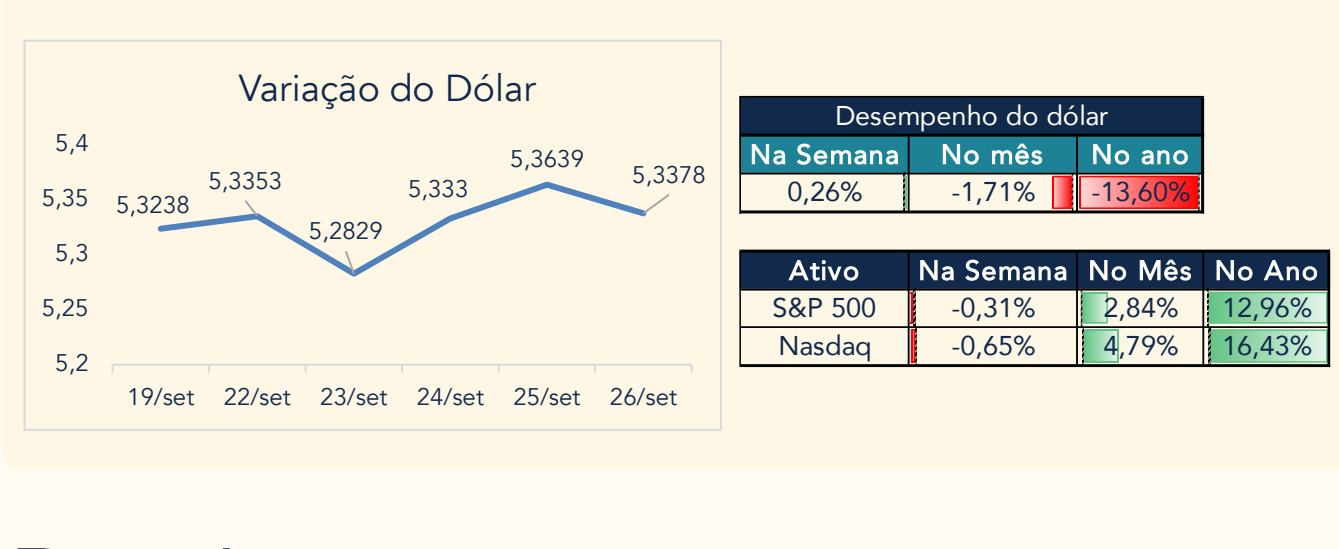
19/09 a 26/09

Cenário Internacional

As bolsas americanas tiveram um desempenho negativo nessa semana e o S&P500 encerrou com uma desvalorização de 0,31%. O dólar registrou uma alta de 0,26% frente ao real.

Nos indicadores econômicos, o destaque da semana foi a divulgação do PCE de agosto, índice de inflação preferido pelo Fed. O núcleo do PCE subiu 0,2% no mês, desacelerando em relação aos 0,3% de julho e ficando em linha com as expectativas. O PIB do segundo trimestre foi revisado para cima, crescendo a uma taxa anualizada de 3,8%, acima da estimativa anterior de 3,3%, impulsionado principalmente pelo consumo das famílias. O resultado mais forte do PIB diminuiu as expectativas de cortes mais céleres de juros pelo Fed, impactando negativamente as bolsas. Stephen Miran, novo diretor do Fed indicado por Trump, divergiu do consenso ao defender que os juros deveriam estar próximos de 2%, sugerindo dois cortes de 0,5 pontos percentuais.

No cenário político e comercial, o governo americano impôs sanções à advogada Viviane Barci de Moraes, esposa do ministro do STF Alexandre de Moraes, com base na Lei Magnitsky. A medida bloqueia eventuais bens nos EUA, proibe transações financeiras com instituições ligadas ao sistema americano e impede o uso de cartões de crédito de bandeira norte-americana. A decisão aumenta as tensões diplomáticas entre Brasil e Estados Unidos, reforçando a aplicação de medidas punitivas contra autoridades brasileiras.



Brasil

Bolsa

O Ibovespa encerrou a sexta-feira praticamente estável, em leve alta de 0,05%, aos 145.377 pontos (mínima de 145.145 e máxima de 146.234). Na semana, acumulou queda de 0,33%. O desempenho do índice refletiu a compensação entre a queda da Vale (VALE3) e a boa performance do setor financeiro. Entre os destaques negativos do pregão esteve a forte baixa da Braskem (BRKM5), após a companhia anunciar a contratação de consultores para avaliar alternativas para sua estrutura de capital.

Cenário Macro

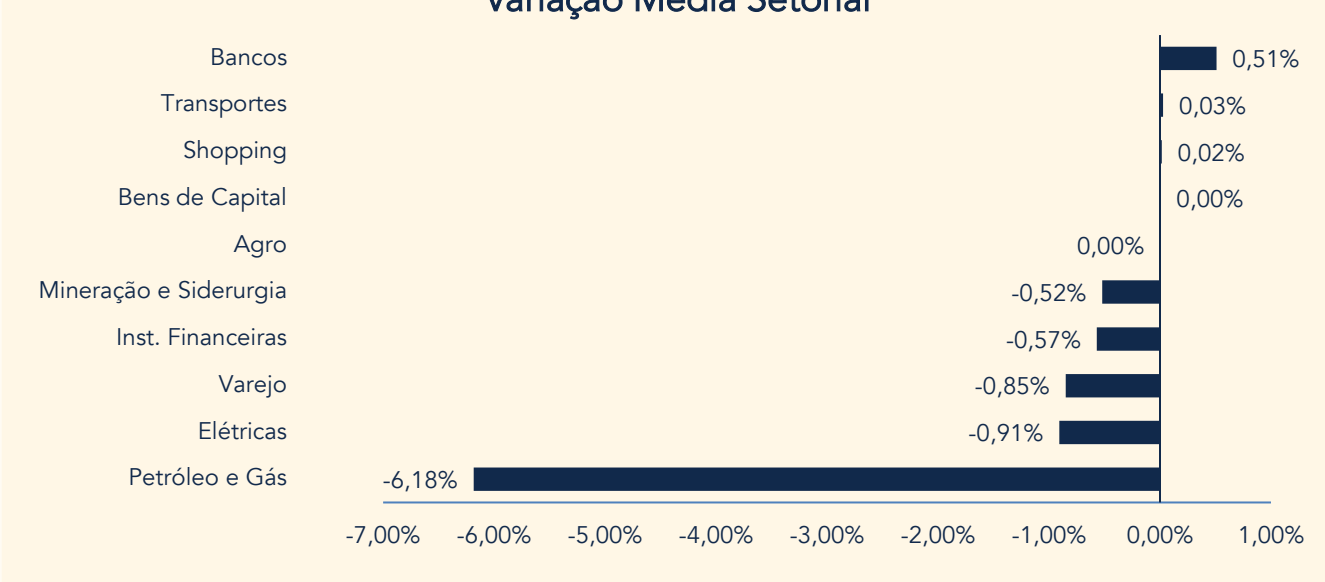
O Boletim Focus trouxe estabilidade nas projeções:

- IPCA 2025: mantido em 4,83%, ainda acima do teto da meta (4,5%);
- IPCA 2026: ligeira revisão para baixo, de 4,30% para 4,29%;
- PIB 2025: estável em 2,16%;
- Câmbio: mantido em R\$ 5,50;
- Selic 2025: segue projetada em 15%, pela 13ª semana consecutiva.

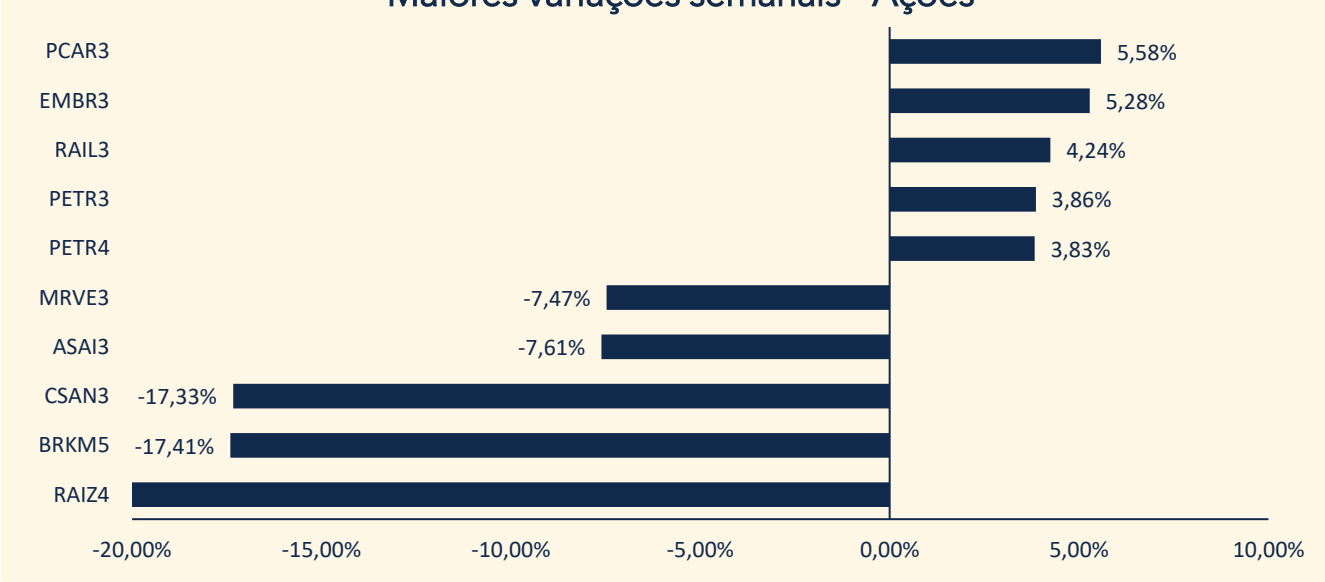
Destaques Corporativos

- Cosan (CSAN3) aprovou aumento de capital de R\$ 10 bilhões, com participação do BTG Pactual (R\$ 4,5 bi), da gestora Perfin (R\$ 2 bi) e da Aguassanta, de Rubens Ometto (R\$ 750 mi). O preço foi definido em R\$ 5,00 por ação. A operação ainda pode incluir emissões adicionais de até R\$ 4,55 bilhões. O reforço deve reduzir a dívida líquida de R\$ 17,5 bilhões em mais da metade e cortar aproximadamente R\$ 1,5 bilhão ao ano em despesas financeiras.
- Ambipar (AMBP3) obteve na Justiça medida cautelar para suspender pagamentos e cobranças de credores, em passo visto como prévio a uma recuperação judicial. A decisão envolve dívidas relevantes, inclusive em dólar e derivativos, e fez as ações despencarem mais de 50% no pregão.
- WEG (WEGE3) anunciou investimento de US\$ 77 milhões na fábrica do Missouri (EUA), ampliando em 50% a capacidade de produção de transformadores.
- Alupar (ALUP11) venceu leilão de transmissão no Peru, com CAPEX de US\$ 220 milhões, e iniciou a operação de uma linha de 724 km no Brasil, que adicionará uma RAP (Receita Anual Permitida) de R\$ 561,7 milhões por ano.

Variação Média Setorial



Maiores variações semanais - Ações

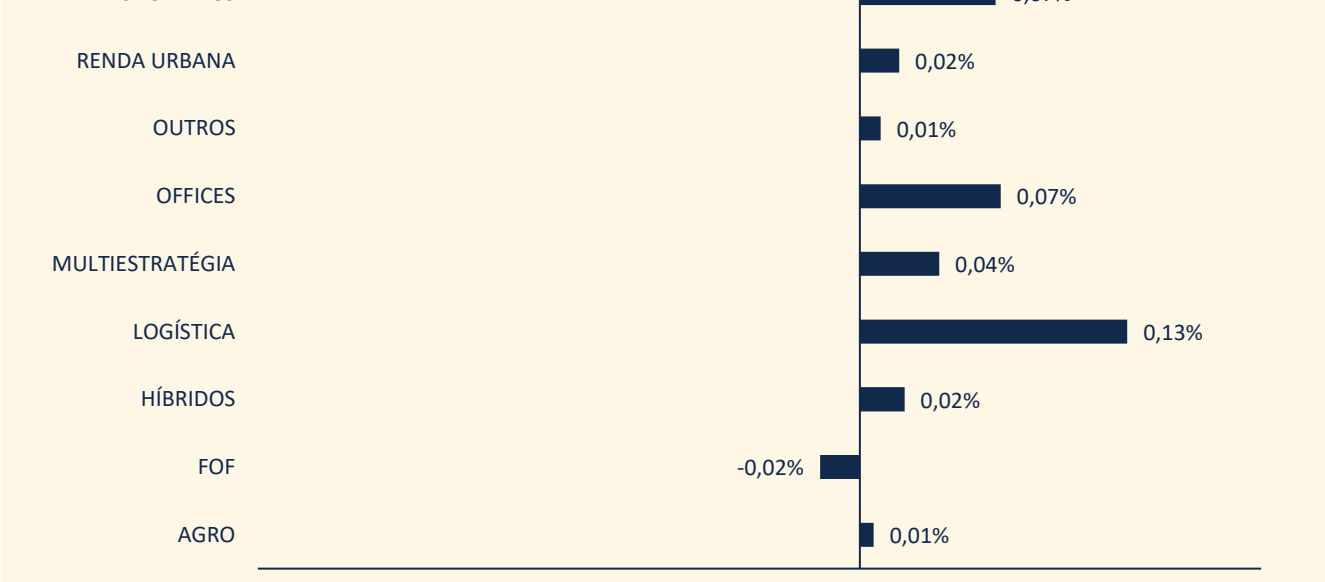


Fundos Imobiliários

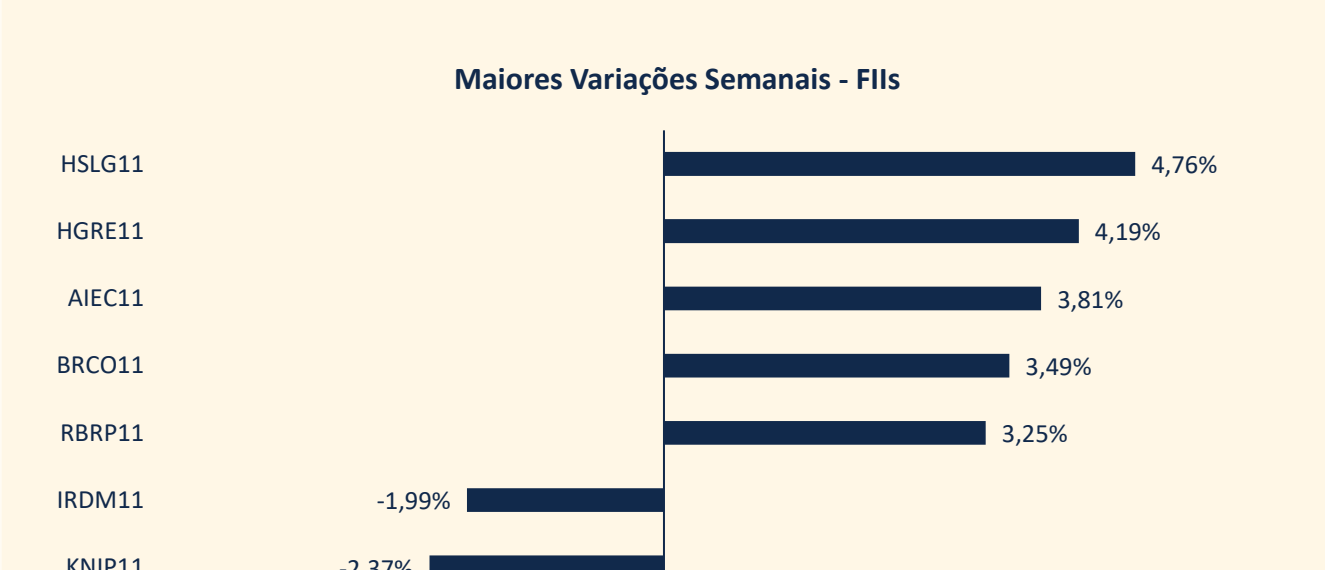
A performance do IFIX na semana foi de 0,33%, com destaque para os setores de Logística, Shoppings e Offices, com performances de, respectivamente, 0,13%, 0,07% e 0,07%.

Dos fundos acompanhados pela área de produtos, não tivemos atualizações relevantes.

Maiores Variações Semanais - Setores



Maiores Variações Semanais - FIIs



Juros e Renda Fixa

Esta semana foi marcada por uma surpresa geopolítica positiva que trouxe alívio aos mercados: o encontro entre Trump e Lula na Assembleia Geral da ONU resultou em elogios mútuos e sinalizações de que o pior momento das relações Brasil-EUA pode ter ficado para trás, com Trump falando em "química excelente" e sugerindo conversas oficiais em breve. No campo macroeconômico, o Banco Central reforçou sua postura conservadora através da Ata do Copom e do Relatório de Política Monetária, sustentando que não há pressa para cortar juros, enquanto o IPCA-15 de setembro trouxe alívio ao subir 0,48% (abaixo dos 0,51% esperados), com indicadores qualitativos favoráveis. O cenário político interno gerou novas incertezas com rumores de que Tarcísio de Freitas estaria considerando desistir da candidatura presidencial em 2026, já que a estratégia de Eduardo Bolsonaro de pressionar por tarifas contra o Brasil acabou fortalecendo Lula e prejudicando Tarcísio, que não conseguiu se desvencilhar do bolsonarismo, colocando a direita em posição delicada para definir quem será o candidato para enfrentar a centro-esquerda nas próximas eleições.

Na semana, os contratos de juros futuros apresentaram movimentos mistos, sugerindo que nem mesmo o alívio geopolítico foi suficiente para compensar a postura conservadora do Banco Central e as incertezas políticas internas. O DI jan/26 permaneceu estável em 14,89%, mantendo-se ancorado pela sinalização clara do BC de que a Selic permanecerá inalterada; o DI janeiro de 2027 também ficou praticamente estável, passando de 14,00% para 14,01%. Os vencimentos mais longos tiveram alta mais expressiva: o DI janeiro de 2029 avançou de 13,14% para 13,22% e o DI janeiro de 2031 subiu de 13,30% para 13,43%.

O desempenho dos índices de renda fixa na semana foi misto, o IMA-B registrou ganho modesto de 0,11%, com a ponta mais longa se saindo ligeiramente melhor: o IMA-B 5+ subiu 0,16%, enquanto o IMA-B 5 teve alta mais contida de 0,04%. O IRF-M ficou estável, acompanhando o movimento de estabilidade das taxas curtas e intermediárias, enquanto o CDI avançou 0,22%, mantendo o carregamento atrativo dos juros elevados.

No segmento de crédito privado, o destaque foi o IDA IPCA, que avançou 0,52%, superando significativamente os títulos públicos similares, enquanto o IDA DI teve alta mais modesta de 0,10%, em linha com a estabilidade das taxas curtas. Esse desempenho superior do crédito de 0,10% indexado à inflação indica que os investidores estão aproveitando tanto as taxas reais e nominais mais atrativas, quanto a relativa proteção contra riscos inflacionários, especialmente em um cenário onde o BC mantém postura conservadora.

Índice	Retorno		Retorno Acumulado			Descrição	Títulos Impactados
	19/09 - 29/09	Mês	2025	1 Mês	12 Meses		
CDI	0,22%	1,05%	10,18%	1,22%	13,22%	Taxa referencial de empréstimos entre bancos.	CDBs, LCIs, LCAs, Fundos DI, Debêntures CDI.
IMA-B	0,11%	0,74%	9,64%	0,88%	5,83%	Índice de títulos públicos indexados ao IPCA.	Tesouro IPCA+ em geral (NTN-B), Debêntures, CRIs e CRAs.
IMA-B 5	0,04%	0,64%	8,29%	0,90%	9,12%	Índice de títulos públicos indexados ao IPCA com vencimento até 5 anos.	Tesouro IPCA+ de curto prazo (NTN-B), Debêntures, CRIs e CRAs.
IMA-B 5+	0,16%	0,81%	10,54%	0,86%	3,31%	Índice de títulos públicos indexados ao IPCA com vencimento acima de 5 anos.	Tesouro IPCA+ longo (NTN-B), Debêntures, CRIs e CRAs.
IRF-M	0,00%	1,07%	14,15%	1,34%	11,76%	Índice de títulos públicos prefixados.	Tesouro Prefixado (LTN e NTN-F), Debêntures Prefixadas, CRIs, CRAs.
IDA DI	0,10%	1,09%	12,10%	1,33%	14,13%	Índice de debêntures corporativas indexadas ao CDI.	Debêntures DI, CRIs e CRAs.
IDA IPCA	0,52%	2,11%	14,60%	2,55%	11,04%	Índice de debêntures corporativas indexadas ao IPCA.	Debêntures IPCA+, CRIs e CRAs.

